# Dia 16 — São Galo, Abade

## Martirológio Romano

Duzentos e setenta mártires, os quais foram martirizados juntos na África.

Os santos Martiniano e Saturiano, com outros dois irmãos seus, ali mesmo; os quais, na perseguição dos vândalos, no tempo de Genserico, rei ariano, sendo escravos de certo vândalo, foram convertidos à fé católica por Santa Máxima, virgem, que também era escrava; e estando firmes na fé, primeiramente foram espancados com paus nodosos e descarnados até os ossos; mas como padecessem muitos dias este tormento e ao dia seguinte os encontrassem milagrosamente sãos, ao fim os desterraram. No deserto, tendo convertido muitos bárbaros à fé de Cristo, conseguiram do Papa que lhes enviasse um presbítero e outros ministros para que os batizasse. Por último, atados pelos pés à traseira de um carro de quatro cavalos, fizeram-nos arrastar por selvas escabrosas até que morreram. Máxima, depois de haver vencido muitos tormentos e saindo milagrosamente salva, encerrou-se num mosteiro, onde foi prelada de muitas virgens, e morreu santamente.

Os santos Saturnino, Nereu, com outros trezentos e sessenta e cinco mártires, igualmente. (Estes Santos padeceram também martírio como os anteriores no mesmo país durante a perseguição de Genserico, rei dos vândalos, por meio de tormentos que inventou de propósito a mais refinada crueldade.)

Santo Elifo, martirizado no tempo de Juliano o Apóstata, em Colônia.

São Berchário, abade e mártir, igualmente. (Fundou o mosteiro de Hautvillers, onde se retirou, e outros dois na diocese de Châlons, os quais enriqueceu com relíquias de Roma e Jerusalém, aonde havia ido em peregrinação. Morreu em 696, vítima de seu zelo, às mãos de um monge a quem havia repreendido. O Santo se contentou com exortar o culpado à penitência.)

Santo Ambrósio, bispo de Cahors, na diocese de Bourges.

São Lulo (ou Lulio, ou Lulão), bispo e confessor, em Mogúncia. (Foi inglês e discípulo do venerável Beda. Passou à Alemanha a instâncias de São Bonifácio, o qual o enviou a Roma a consultar com o papa Zacarias sobre certas dificuldades que não queria encomendar a cartas nem a escritos. À sua volta o mesmo São Bonifácio o preparou para sucessor seu e foi consagrado bispo de Mogúncia com o consentimento do rei Pepino e a aprovação do clero e de todo o país. Nos últimos anos de sua vida renunciou seu bispado e retirou-se ao mosteiro de Hersfeld, que ele mesmo havia fundado, onde acabou santamente seus dias pelos anos de 787.)

São Florentino, bispo, em Tréveris.

São Galo, abade, discípulo de São Columbano, em Arbon ou Arbona, na Alemanha. (Veja-se sua vida hoje.)

# São Galo, Abade

Foi São Galo irlandês, de família distinguida no país, ainda menos por sua qualificada nobreza que por sua notória bondade, exemplar e celebrada virtude. Nasceu pela metade do sexto século; e como seus piedosos pais consideravam por sua primeira e principal obrigação a boa educação de seus filhos, logo que ensinaram ao menino Galo os primeiros princípios da vida cristã, desde sua mesma infância o ofereceram a Deus no mosteiro de Bangor, sito no país de Ulster, para que fosse educado em seu santo temor e no estudo das letras sob a disciplina de São Columbano, cuja virtude, universalmente aplaudida, acrescentava muito esplendor e fazia então muito célebre aquele mosteiro. Era o menino Galo de tão belas inclinações, de uma propensão tão natural a tudo o que é bom, de um engenho tão vivo, tão perspicaz e por outra parte tão dócil que em breve tempo fez maravilhosos progressos na ciência dos Santos e na inteligência da sagrada Escritura; de maneira que explicava com admirável clareza os lugares mais obscuros e mais dificultosos. Nem esquecia o estudo das letras humanas por dedicar-se ao das sagradas; antes bem cultivava o admirável gênio que tinha para a poesia, ainda que só o exercitava em assuntos piedosos; e São Columbano estava igualmente enamorado do candor que da habilidade de seu querido discípulo.

Era abade e fundador daquele mosteiro São Congal. Este, admirando as belas prendas daquele terno mancebo e reconhecendo pelos dons com que o céu o havia prevenido que o destinava Deus para ser Santo, admitiu-o à profissão religiosa logo que teve idade para fazer os votos. Reinava o fervor no mosteiro; e achando-se Galo com tão grandes exemplos, soube aproveitar-se deles tão admiravelmente que em breves dias deixou atrás ainda os mais fervorosos. Sendo o primeiro a todos os atos de comunidade, exatíssimo na observância das leis, humilde, mortificado e devoto, era a admiração e o modelo de todos os seus irmãos; tanto que, prendado extraordinariamente o santo Abade, quis que recebesse as sagradas ordens, sendo também do mesmo parecer todo o mosteiro. Sobressaltado nosso Santo considerando a elevação de tão sagrado caráter e muito mais assustado à vista de sua indignidade, valeu-se de toda a sua eloquência e de todo o seu engenho para persuadir sua improporção. Mas todos os esforços de sua humildade só serviram para confirmar o Abade em sua primeira resolução; e sendo-lhe forçoso obedecer, o mais que pôde conseguir foi por então que não ascenderia do diaconato e que se lhe concederiam alguns anos mais para dispor-se a receber o sacerdócio.

Estava destinado São Columbano pela divina Providência para passar à França e ressuscitar naquele reino o espírito de solidão, de oração e de penitência que se observava no Oriente e se admirava à sazão na Irlanda. Com este fim e com o beneplácito de São Congal, escolheu doze monges no mosteiro de Bangor para que fossem em sua companhia, buscando todos algum espantoso deserto onde dedicar-se tranquilamente às doçuras da contemplação, distante de todo tumulto. Não se esqueceu São Columbano de seu querido discípulo São Galo e foi o primeiro em

quem pôs os olhos. Custou muita dor ao mosteiro de Bangor desprender-se daquele precioso tesouro, cujo inestimável valor tinha bem conhecido, e toda a comunidade acompanhou com amargo pranto a saída do convento daquele angelical mancebo, que era sua admiração e seu exemplo. Passaram da Irlanda à Inglaterra e dali à França pelos anos de 589. Fizeram mansão por algum tempo nos Estados de Childeberto II, rei da Austrásia, que desejava muito que se domiciliasse em seus domínios aquela santa tropa; mas o amor à solidão os moveu a buscar algum horroroso deserto onde unicamente se pudessem dedicar a conversar com seu Deus, desviados do comércio dos homens. Acharam o que desejavam no monte Vosges, que separa a Lorena da Borgonha e da Alsácia nos confins dos dois bispados de Toul e de Besançon. Era um bosque estéril, sombrio e espantoso, mais oportuno para retiro de feras que para habitação de homens e por isso mesmo nenhum sítio mais acomodado aos desejos de São Columbano e de São Galo. Quase dois anos se mantiveram nele com uma absoluta falta de tudo o necessário para as comodidades da vida; mas abundantemente recompensados com os extraordinários consolos que recebiam do céu.

Por mais cuidado que puseram nossos Santos de viver escondidos e ignorados das gentes, sua mesma virtude lhes fez traição, pois à fama dela concorreram muitas a aquele ditoso deserto para admirar nele um gênero de vida verdadeiramente celestial. Agnoaldo, pai de Santo Ayl, e outras muitas pessoas virtuosas lhes fizeram vivas instâncias para que passassem ao território de Borgonha, oferecendo-lhes uma casa de campo velha chamada Luxeuil, na diocese de Besançon, sita à outra parte do mesmo monte Vosges. Nela fundou São Columbano um mosteiro e nosso São Galo foi dos primeiros que abraçaram a regra que o mesmo São Columbano prescreveu aos que quisessem viver sob sua obediência. Muito desde logo nosso Santo foi a todos modelo cabal de fervor, de penitência e de observância; tanto que, dilatada sua fama, atraiu em breve tempo um prodigioso número de religiosos que cada dia acudiam a alistar-se nas bandeiras de Cristo sob a disciplina e a conduta de tão santos capitães.

Aceso Galo cada instante mais e mais no desejo de servir e de agradar ao Senhor, passou muitos anos no retiro e no silêncio daquela doce solidão, até que quis o mesmo Senhor acrisolar sua virtude com novas provas, motivadas dos desgostos e das perseguições que Teodorico, rei de Borgonha e sucessor de Childeberto, excitou contra Columbano e seus discípulos a instigação de Brunilda, irritada de que o Santo havia afeado ao Rei as desordens que a mesma Rainha autorizava. Foi violentamente tirado de seu mosteiro o santo Abade e desterrado a Nantes para fazê-lo voltar dali à Irlanda; com cuja ocasião São Galo, acompanhado de Santo Eustáquio, monge do mesmo mosteiro de Luxeuil, que depois foi seu abade, não se considerando seguro nele contra os insultos daquela Princesa, refugiou-se na Austrásia sob a proteção do rei Teodeberto. Encontrou na corte deste Príncipe a seu venerado mestre São Columbano, que, arrojado por uma tempestade às costas de Flandres, havia vindo buscar asilo nela: concorrência ao parecer casual, que encheu de gozo o mestre e o discípulo. Não acomodava o ar da corte ao gênio dos dois Santos e pediram licença ao Rei para retirar-se à Itália; mas o religioso Príncipe, que não podia resolver-se a ver sair de seus Estados aqueles dois grandes servos de Deus, rogou-lhes que escolhessem em todo o seu reino o sítio que mais lhes agradasse para servir em paz ao Senhor, instruindo e edificando a seus povos. Aceitaram este favor; e subindo pelas margens do Reno, entraram no país que agora chamamos dos Suíços, adiantando-se pelas margens do Limmat até o término do lago de Zurique; e entrando no território de Zug, encontraram um sítio que lhes pareceu muito acomodado para fixar nele sua solidão. Todos os povos comarcanos, que jaziam ainda sepultados nas trevas da

idolatria, trataram de lançá-los dali. Compadecidos nossos Santos de sua lastimosa cegueira, dedicaram-se a instruí-los na religião cristã; mas os acharam pouco dispostos a ouvir suas instruções. Não pôde São Galo deter os ardores de seu zelo e pôs fogo aos templos dos falsos deuses, arrojando ao lago as oferendas com tudo o mais que estava destinado aos detestáveis sacrifícios. Irritados os pagãos de tão generosa ação, determinaram tirar-lhe a vida; mas informado a tempo São Columbano, obrigou-o a retirar-se com seus companheiros, esperando ocasião mais favorável para trabalhar na conversão daqueles miseráveis idólatras. Chegando a um lugar chamado Arbon, encontraram nele um santo sacerdote por nome Willimar que, informado de seus intentos e sabendo que buscavam algum sítio retirado onde fundar um mosteiro, lhes deu notícia de um deserto vizinho onde havia certas ruínas muito antigas que lhes poderiam servir de celas. Era o deserto verdadeiramente horroroso, mas por isso mesmo foi muito de seu gosto. Encontraram nele uma capela dedicada a Santo Aurélio, mas profanada pelos gentios, que haviam pendurado de suas paredes dois ou três ídolos. Acendeu-se o zelo de São Galo à vista daquela abominação e resolveu trabalhar na salvação daquela pobre gente com a esperança de encontrar a coroa do martírio. Vendo São Columbano que São Galo entendia e falava muito regularmente a língua do país, não quis pôr limites a seu zelo. Chegou o dia da festa principal daquele lugar e concorreu a ela imenso gentio, movendo-o também a curiosidade de ver aqueles estrangeiros. Desdobrou-se então o zelo de São Galo; pregou com uma eficácia e com um valor verdadeiramente apostólico contra as gentílicas superstições; demonstrou sua falsidade, sua impiedade e sua malícia. Acompanhando depois as obras às palavras, arranca as estátuas, faz-lhes pedaços e arroja ao lago os miseráveis fragmentos. Lançou Deus a bênção a seu zelo. Converteu-se um grande número de gentios, purificou São Columbano a capela, benzeu-a, pôs uma ara sobre o altar e celebrou o santo sacrifício da missa. Foi crescendo aquela comunidade, levantaram-se celas ao redor da capela e aquela colônia de santos religiosos fez triunfar a vida monástica em meio do paganismo.

Respeitava sempre São Galo a São Columbano como a abade que havia sido seu e este exercia nele certa espécie de superioridade, em cuja virtude obrigou, enfim, sua humildade a que se ordenasse sacerdote. Com a nova sagrada dignidade acrescentou-se novo esplendor a sua virtude e visível aumento de graus a seu fervor. Ainda que sua vida havia sido tão perfeita até então, pareceu-lhe que depois de sacerdote devia sê-lo muito mais. Chegava-se sempre ao altar possuído de um santo e respeitoso tremor. Entregou-se aos rigores de uma penitência sem limites; era contínuo seu jejum e depois de sua morte encontraram-se tão cruéis instrumentos de mortificação que só vê-los causava horror. Por este tempo passou à Itália São Columbano e São Galo ficou em Bregenz; mas uma grave enfermidade o obrigou a dispor que o levassem a Arbon, a casa do virtuoso sacerdote Willimar. Logo que se sentiu um pouco recobrado, suspirou por sua amada solidão; e como um diácono do mesmo Willimar, chamado Hiltibod, lhe desse notícia de outro deserto ainda mais solitário que o de Bregenz, ao ponto se retirou a ele. Com sua presença afugentaram-se as serpentes e as feras que se albergavam naquela fragosidade. Logo que chegou a ela plantou uma cruz e deu princípio com um rigoroso jejum de três dias, que passou sem tomar neles coisa alguma; e delineou o plano de uma igreja dedicada à santíssima Virgem, a quem toda a vida professou terna devoção, chamando-a sempre sua querida Mãe.

Ainda que estava nosso Santo tão desviado do comércio dos homens, nem por isso se manteve largo tempo desconhecido. Mal se estabeleceu no novo sítio quando sua reputação lhe trouxe

alguns discípulos. Formou tão alto conceito de sua virtude o duque Gunzo, senhor daquele país, que, tendo uma filha possuída do demônio, rebelde a muitos exorcismos, acudiu a São Galo e ficou livre a donzela. Reconhecido o Duque a tão grande benefício e confirmado na opinião de sua eminente santidade à vista daquele milagre, tendo vagado por então o bispado de Constança, fez tudo quanto pôde para que São Galo o admitisse. Mas estava muito distante de consentir ser bispo o que se considerava indigno de ser sacerdote; e assim nunca foi possível vencer sua humildade. Rogaram-lhe que ao menos assinalasse algum de seus discípulos para que ocupasse aquela cadeira episcopal e ele propôs o diácono João, a quem o mesmo Santo havia formado de sua mão; e admitida sua proposta, pregou São Galo no dia de sua consagração.

Deteve-se alguns dias com o novo Bispo, ajudando-o com seus prudentes conselhos, e depois voltou a sua solidão e ergueu a igreja cujo plano havia delineado, fabricando ao redor dela doze celas para seus discípulos. Esta foi a origem do famoso mosteiro ou da célebre abadia de São Galo, que subsiste o dia de hoje no país dos Suíços, acompanhado de uma cidade do mesmo nome, cujo soberano é o abade, com dignidade e com assento entre os príncipes do império. Estabeleceu nela nosso Santo a disciplina monástica, segundo a regra de São Columbano, honrando-se sempre de ser filho e discípulo seu.

Tendo morrido Santo Eustáquio, abade de Luxeuil, todos os monges elegeram por abade a São Galo; mas este renunciou aquela abadia com a mesma tenacidade com que havia renunciado o bispado e nunca quis sair de sua solidão. Viveu nela alguns anos depois de morto São Columbano, cuja morte soube por divina revelação. Ao mesmo passo que ia avançando na idade, ia crescendo no silêncio, na oração e na penitência; sem que nem a velhice nem os molestos achaques que a acompanham fossem bastantes para fazê-lo afrouxar no rigor com que macerava sua carne e assim era cada dia mais fervorosa e mais terna sua devoção. Enfim, tendo-o convidado o santo presbítero Willimar para que fosse ver a festa de sua paróquia, admitiu São Galo o convite: passou lá e no dia da festa pregou diante de um imenso gentio que havia concorrido à solenidade. Três dias depois caiu mal e morreu em Arbon com a morte dos Santos no dia 16 de outubro, pelo ano de 646, aos oitenta de sua idade, que quase todos os havia passado em diferentes desertos.

# Missa (oração)

A missa é em honra do Santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Galli abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

**Português:** Suplicamo-vos, Senhor, que a intercessão do bem-aventurado abade São Galo nos torne gratos a vossa divina Majestade, para que consigamos com sua proteção o que não podemos

com nossos merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é do capítulo 45 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 3 de outubro).

**Eclesiástico 45,1-6**

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

**Português:** [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

# Reflexões

*Foi amado de Deus.* Que elogio se poderá fazer, nem mais honorífico nem mais vantajoso para um homem, que dizer que foi amado de Deus? Honrar Deus a um com sua amizade, ser favorecido do Altíssimo, ter a ventura de agradar-lhe, não é o cúmulo da humana felicidade? Pode aspirar a mais a ambição do coração humano? Ser amado de um grande príncipe: a isto se dirigem todos os esforços, todo o ardor, todas as ânsias dos cortesãos, persuadidos de que com efeito nenhuma coisa produz maiores graças nem mais estimáveis honras que a benevolência carinhosa do príncipe. Pois o amor que Deus nos tem é o manancial, é a medida de todas as que nos dispensa sua bondade. Ninguém há que não se possa lisonjear de ser amado de Deus; ninguém que não tenha em particular provas muito sensíveis de sua amorosa ternura. A que mais força costuma fazer aos homens é a dos benefícios. E falta-nos a nós esta prova? Além dos benefícios gerais e comuns a todos os homens, da criação, da redenção e das graças ordinárias e universais, que

efeitos não experimentamos todos de uma providência particular com cada um? Ela tem feito e ela está fazendo cada dia cem pequenos milagres em nosso favor. Que proteção especial! Que salutares inspirações! Que paternais cuidados, apesar de nossa má correspondência, apesar de nossa infidelidade, apesar de nossa ingratidão! Em nenhuma coisa repara, por dizê-lo assim, um Deus cada dia mais empenhado em dar-nos mais e mais testemunhos de seu amor. É verdadeiramente incompreensível sua bondade; mas será menos incompreensível nossa ingratidão a um Deus tão bom? É o coração do homem naturalmente sensível às demonstrações do amor: deixa-se ganhar naturalmente daqueles benefícios que verdadeiramente o acreditam. Será possível que só o infinito amor de Deus não lhe faça força? Honramo-nos muito, faz-se vaidade de merecer a confiança, a estreita amizade de um grande: sabemos que Deus nos favorece com a sua; e quem faz cristã vaidade de merecer sua infinita benevolência? Que diligências não se fazem para lograr a graça do soberano! Mas que passos se dão para merecer a de Deus? Indaga-se com o maior cuidado tudo aquilo que pode ser do agrado de um grande, custe o que custar: ainda que corra perigo a vida, tudo se faz, a tudo se expõe um ambicioso por merecer sua aprovação. Todos sabemos muito bem o que é do gosto de Deus; mas trabalhamos por isso muito em tornar-nos dignos de seu amor? Sacrificamo-nos muito por não desagradar-lhe? Isto é uma coisa tão incompreensível como a que mais. Algum dia se compreenderá este mistério de iniquidade; mas não será para remediá-lo. Se desde logo não prevenimos aqueles pungentes remorsos por meio da penitência, que fruto tiraremos então de um espanto, de uma dor estéril?

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 3 de outubro).

**Mateus 19,27-29**

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

**Português:** 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a

vida eterna.

# Meditação

*Sobre os vários sucessos da vida*

# Primeiro ponto

Considera que nossa vida está cheia de diferentes sucessos que formam todo o seu fundo e compõem, por dizê-lo assim, a série de sua constituição ou economia. São poucos os dias perfeitamente serenos. E sem trazer agora à memória aqueles acidentes da infância, nos quais nos assistiu singularmente a divina Providência, paremos unicamente a consideração em tanta multidão e variedade de sucessos como acompanham igualmente o destino dos grandes e dos pequenos, dos ricos e dos pobres, da gente mais obscura e da que mais brilha nesses grandes teatros. De quantos maus passos, de quantos barrancos, de quantas quebradas estão cheios todos os caminhos! Bom Deus, que contínua vicissitude no alto e no baixo! Que monte de revoluções na vida dos mais ditosos do século! Aquele estava vinte anos há no cimo, no cume do favor e hoje geme abatido e esquecido num obscuro canto, sem outra prenda do passado que a desconsolada memória de suas raras aventuras. Quantos estão mendigando o dia de hoje a graça e a proteção daqueles mesmos a quem eles fizeram homens! Quantos estão dependentes dos mesmos que lhes devem a eles sua fortuna! De tantas casas grandes como fazem papel na história, quantas há das quais não nos ficou mais que o nome? Suas posses, seus cargos, suas dignidades passaram aos estranhos e até seu nome se confundiu, trasladando-se a outra família. Quantos ricos comerciantes estamos vendo cada dia que vêm a parar em ser devedores dos que foram seus caixeiros, seus feitores ou seus comissionistas! Mal acaba aquele de mobiliar uma casa, mal acaba o outro de comprar uma fazenda, quando se vê precisado a cedê-la a um credor. Um naufrágio, uma perda, um incêndio, uma bancarrota, um pleito que se perdeu dá em terra com toda uma opulenta família. A amizade que parecia mais invariavelmente cimentada quebra, falha, desmente-se. O parentesco mais estreito desconhece-se quando se atravessam a paixão, a ambição ou o interesse. A estimação e a amizade seguem a fortuna. Um acidente, uma enfermidade basta para que mudem de semblante os mais zelosos cortesãos. Fora disso, que tristes, que enfadonhos incidentes nas famílias mais ditosas! São poucos os filhos que cedo ou tarde não encham de pesares a seus pais. E quantos matrimônios há felizes? Mas ainda entre os mais iguais, entre os mais unidos, que de desgostos, que de dissabores, por acontecimentos tão estranhos como inevitáveis! Busca no mundo uma condição isenta de moléstias e de cuidados: imagina algum estado que esteja a coberto dos dolorosos acidentes da vida. Dentro de nós mesmos temos um terreno fecundo de tribulações e de inquietudes que vão crescendo ao passo dos anos: desta maneira, meu Deus, com admirável sabedoria quereis fazer-nos conhecer e fazer-nos palpar que verdadeiramente vivemos num lugar de desterro e que não temos que esperar nem consolo nem felicidade senão no céu, nossa doce e nossa amada pátria.

# Segundo ponto

Considera que é loucura pretender ser ditosos na terra: só Deus nos pode fazer felizes. Mas ah, e quanto perdemos em não aproveitar-nos ao menos dos tristes acidentes da vida! Nenhum há de que não possamos tirar muito proveito; e pode-se assegurar que com este fim os dispõe Deus ou os permite. Não há meio mais eficaz para desprender do mundo nosso coração, para que nos causem desgosto e tédio todas as suas coisas. Essas amarguras que mistura Deus em todos os gostos desta vida podem servir maravilhosamente para desvanecer as ilusões de que estão preocupados os mais em ordem ao serviço de Deus, persuadindo-nos uma verdade que nos importa infinito estar bem convencidos dela. Esta é que não há no mundo outra verdadeira felicidade que a de viver uma vida verdadeiramente cristã. Nem todos são chamados ao estado religioso; mas todos têm obrigação de santificar-se dentro de seu próprio estado. Os maiores contratempos e os mais funestos reveses da vida contribuem muito para estimar mais a que é verdadeiramente ajustada às leis da Religião; porque ela só ensina o segredo de não sentir os dissabores que causam de seu aqueles acidentes. Nem os monarcas mais poderosos o são para impedir que nasçam as cruzes sobre o mesmo real trono, tendo-as semeado Deus em todas as partes. Só a virtude cristã sabe aligeirar seu peso e embotar suas pontas. Ela só, auxiliada da divina graça, tranquiliza o espírito, dilata o coração, desvanece os espantos, dissipa os temores e faz gostar à alma certa alegria pura que é como precursora da que gozam os bem-aventurados no céu. Zombem em boa hora os dissolutos, burlem-se muito a seu salvo com insulsas chocarrices da modéstia, da circunspecção, da vida regulada, penitente e retirada dos virtuosos e dos timoratos, que queiram que não queiram lhes hão de ter inveja. Eles são os ditosos no mundo apesar de todos os contratempos que lhes possam suceder.

Assisti-me, Senhor, com vossa graça para que tome o gosto a estas verdades práticas e experimentais; de maneira que eu saiba aproveitar-me de todos os infortúnios, experimentando em mim mesmo os consolos que ainda neste mundo traz consigo a vida cristã e virtuosa.

# Jaculatórias

Oh Senhor, e que consolos tendes reservados para os que vos amam e vos temem! (Sl 30.)

Fora de Vós, Senhor, que posso nem que devo desejar no céu nem na terra? (Sl 72.)

# Propósitos

1. Os que no mundo se chamam estados não são em rigor mansões fixas: são unicamente certas sendas, certos caminhos que toma cada um para chegar ao termo da vida, que é a eternidade. Em cada um destes caminhos há seus maus passos. Todo caminho é áspero, quebrado, desigual; não há que buscá-lo nem mais plano nem melhor. É, por dizê-lo assim, esta vida uma contínua

navegação num mar borrascoso, cheio de escolhos, sujeito a muitas tempestades. São nele frequentes e furiosos os golpes de vento; quando um está engolfado em alto-mar, necessita abrigar-se em algum porto; raras vezes se caminha a vela estendida e quase sempre é mister navegar a força de remo. Todas as costas são perigosas e os escolhos que se ignoram são mais temíveis que os que já se conhecem. Tudo isto quer dizer que nesta vida é preciso fazer o ânimo a muitos sucessos quase todos dissabores e poucos de gosto. Resolve-te, pois, não já a evitá-los todos, que seria um empenho tão ocioso como vão, mas a aproveitar-te de todos para caminhar ao céu. Sobretudo, guarda-te bem de queixar-te ou de murmurar da divina Providência: algum dia saberás que nada te sucedeu que não fosse dirigido a facilitar-te tua eterna salvação.

2. Considerando os adversos acasos da vida como sinais que te dá Deus de seu particular amor, não só não te hás de queixar, mas deves render-lhe muitas graças por eles. Este contratempo que te parece tão desgraçado te era necessário para desprender-te do mundo e da vida. Crê-me que só esta consideração te poderá adoçar os trabalhos, convertendo-os em grande proveito teu.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:41 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:41 by Admin